

SATÉLITES

Uma população duas vezes maior que a do Plano Piloto vive hoje na periferia de Brasília enfrentando inúmeros problemas no seu dia-a-dia, mas resistindo, brasileiroamente, com um único e especial argumento: a esperança.

Na periferia maior núcleo populacional

Iara Alencar

As cidades-satélites de Brasília, previstas no plano urbanístico da capital como núcleos periféricos ao Plano Piloto, somam-se hoje, de acordo com os últimos levantamentos da Codeplan, no maior contingente populacional do Distrito Federal, com 859 mil 665 habitantes.

Por si só, dizem os técnicos do GDF, este dado estatístico traduz a importância dessa população no contexto geral de Brasília, que conta, no momento, com o total de 1.131.125 habitantes, incluindo os moradores da zona rural.

Todavia, lamentam que as cidades-satélites, que surgiram para atender as necessidades de fixação da população tenham ultrapassado as previsões dos planejadores, obrigando-os a adaptar o Plano a situações emergenciais, gerando, em quase

todas elas, graves problemas até hoje sem solução.

A continuidade do fluxo migratório para o Distrito Federal, a transferência de favelas próximas ou localizadas dentro do Plano Piloto, o refluxo de famílias já nele instaladas devido a problemas de caráter sócio-econômico são alguns dos fatores enumerados pela Secretaria de Governo que levaram à criação de cidades como Taguatinga, Gama, Sobradinho, Ceilândia e Guará para absorverem a população de invasões dos núcleos provisórios e funcionários públicos.

A data oficial de fundação desses núcleos urbanos regionais, segundo dados do GDF, deu-se a 19 de janeiro de 1967 pelo Decreto «N» n° 571, com exceção do Guará e Ceilândia, fundadas posteriormente.

Planaltina e Brazlândia, já existindo antes da construção de Brasília, foram incorporadas ao Distrito Federal como Regiões Administrativas e, como as demais, pelo que se observa, sofreram também as influências do fluxo migratório, expandindo-se rapidamente e com pouca possibilidade de controle sob o seu crescimento, fato a que os técnicos se referem como uma «deficiência de planejamento».

Todas essas cidades apresentam problemas em comum, como a inexistência de uma rede de esgoto (benefício do qual se servem apenas o Guará e Sobradinho), urbanização e carência de serviços comunitários (principalmente transporte coletivo e postos de saúde), regulamentação dos lotes comerciais e residenciais, além de precárias condições de segurança e

um alto índice de marginalização do menor, dentre outros problemas.

No setor econômico, pelos dados disponíveis, muito pouco as satélites da capital brasileira que hoje comemora 19 anos tem a oferecer. Com uma pequena ressalva para Taguatinga, que vem absorvendo pequena parte de sua população no mercado de trabalho que dispõe o local, os moradores das demais cidades periféricas ao Plano Piloto, pelos levantamentos feitos pelo governo do Distrito Federal, sobrevivem às custas do setor central de Brasília, em áreas de prestação de serviços, construção civil, funcionalismo público e outras de menor expressividade.

A renda média da população das cidades-satélites de Brasília, como mostram os estudos da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central, está em torno de dois salários mínimos, reconhecido indicador das condições de vida de uma família.

TAGUATINGA

A cidade-satélite de Taguatinga, a primeira mais populosa do Distrito Federal, conta hoje com 206.933 habitantes, de acordo com dados da Codeplan.

Surgiu da necessidade de erradicar as invasões em áreas do Plano Piloto e, como diz o diretor da Associação Comercial e Industrial do lugar, "até hoje a cidade, apesar de moça, não conseguiu vestir uma roupa de baile". A comparação, pelo que se constata naquela satélite, indica a realidade das condições de vida de sua população que, apesar de contar com uma minoria de famílias "vivendo bem", o que se observa é a grande maioria da população se alojando em minúsculos barracos de madeira para dar lugar à construção de mais barracos de aluguel em um lote de dimensões nunca superior a 20 x 30, como é o caso das Vilas Dimas e Matias, no setor sul de Taguatinga. Por toda a cidade, no entanto, o aspecto geral das construções residenciais, a inexistência de uma rede de esgoto que sirva a todos os moradores (somente os moradores no pequeno eixo do setor central contam com um improvisado sistema de saneamento básico), a falta de urbanização, a deficiência do serviço de limpeza urbana são fatores, vistos pelos moradores, como responsáveis pela roupagem que muito deixa a desejar de uma cidade que nasceu com Brasília.

ORIGEM

Em 1958, um incidente ocorrido na "Cidade-Livre" (o Núcleo Bandeirante), levou Israel Pinheiro, então presidente da Novacap, a acelerar a ocupação das terras da Fazenda Taguatinga, então município de Luziânia (GO). O incidente, lembrado por todos os pioneiros de Brasília, deu-se quando número de migrantes que chegava para a construção da nova capital já não conseguia se alojar na Cidade Livre, construindo, em sua volta, uma série de invasões.

Conta o comerciante Antunes Medeiros, residente na QSD 8 Lote 36 em Taguatinga, hoje com 62 anos e um dos primeiros a ser transferido para Taguatinga que "da noite para o dia surgiu nas proximidades da Cidade Livre uma grande invasão onde as pessoas nem tinham como mexer". Segundo ele, no dia cinco de junho de 1958, "em um sábado, quando o pessoal dessa invasão descobriu que o presidente Juscelino iria, naquela noite, se reunir com vários amigos para um jantar em um dos restaurantes da Cidade Livre, uma grande massa de migrantes se reuniu no centro do NB, portando cartazes com os dizeres "Fundamos a Vila Sara Kubitschek e Viva o presidente JK", enquanto na invasão as mulheres cuidavam de confeccionar uma grande faixa dizendo ser aquela a Vila Sara Kubitschek".

— Doutor Israel Pinheiro — lembra Antunes Medeiros — não gostou disso, pois uma invasão feita daquela não podia ter o nome da primeira dama. Logo ele providenciou uma Comissão para informar aos favelados que já estava sendo providenciado a construção de uma nova cidade, a 25 quilômetros do Plano Piloto. "Foi difícil eles nos convencerem de mudar da invasão, e usaram de vários argumentos, como de que nos dariam um lote onde no futuro poderíamos quitar como nossos a preços maneiros. Ninguém queria ir para aquele fim de



Ceilândia, hoje, é a quarta satélite mais populosa do DF



Planaltina, aos poucos, vai perdendo sua característica de cidade colonial, por força do progresso

mundo, aquele cerrado virgem que era Taguatinga. Mas no outro dia, continua seu Antunes, compareceram à Vila Sara Kubitschek os doutores Ernesto Silva e Mário, umas moças da assistência social acompanhadas de umas freiras que diziam ao povo das vantagens de se mudar para a fazenda Taguatinga. O negócio foi feito, só uma família foi convencida no primeiro dia. "Mas depois — observa seu Antunes — o pessoal foi amolecendo, já que na Vila era um tumulto. E aos poucos foram fazendo da fazenda Taguatinga uma cidade e as primeiras moradias foram construídas aqui na minha quadra, na QSD e também na QSC, e hoje nós somos isso aqui que vocês estão vendo, construí esses quartos de madeira em todo o meu lote para conseguir viver não vender o terreno que com muita dificuldade consegui quitar. As promessas do doutor Israel Pinheiro de nos dar depois condições de uma vida melhor, até hoje ninguém fez nada por isso, pois desde 1959 estou aqui no setor sul de Taguatinga, sem nenhuma rede de esgoto, com a mesma poeira e lama que enfrentávamos há 10 anos atrás e agora está muito mais preta a nossa situação, pois esperança de melhorar de vida ninguém tem mais e a nossa casa é um lugar mau cheiroso com tudo que é fossa negra, feitas em 59, arrebitadas".

COMÉRCIO

Por outro lado, Taguatinga, hoje, apresenta um dos mais fortes comércios do Distrito Federal, motivo para a instalação anual da Feira de Amostras Comercial e Industrial local, a FACITA.

A expansão do comércio na cidade, contudo, gerou graves problemas como a instalação de madeiras ao lado de residências e um grande número de Firms comerciais (bares e armazéns) improvisadas há mais de uma década em barracões sem as mínimas condições de funcionamento.

Esse fato vem levando a Associação Comercial da cidade a lutar por setores adequados para o funcionamento de determinados ramos de comércio, como foi o caso do recém-criado setor de Oficinas que, apesar de uma licitação "pública" aberta a uma pequena parcela da população, em muito vem ajudando no aspecto visual de Taguatinga.

Possui também o lugar cerca de dez Clubes sociais, e, ao contrário das demais cidades satélites de Brasília, conta com uma considerável vida noturna, com boites e cinemas que, apesar das poucas instalações, muito servem aquela comunidade.

GAMA

Como Taguatinga, a cidade do Gama também foi fundada, em 12 de outubro de 1960, para absorver os habitantes de núcleos populacionais provisórios como a Vila Amauri, Paranoá e Vila Planalto.

Hoje, o Gama é a segunda satélite mais populosa do Distrito Federal, com 166 mil e 496 habitantes, de acordo com os últimos dados da Codeplan de Junho de 1978.

A sua população, no entanto, juntamente com a Ceilândia, é uma das mais sofridas da capital, principalmente no setor de saúde e segurança, o que levou a Fundação do Serviço Social, em um estudo de casos, a afirmar que mais de 50% dos menores de conduta anti-social do Distrito Federal advêm dessas duas cidades-satélites, Ceilândia e Gama, (a primeira com 30,77% e a segunda com 20,19%). Isto levou o governo, recentemente, a implantar nessa última,

um Centro de Prevenção da Marginalização do Menor.

Com apenas 20% de sua rede de esgoto implantada, a satélite do Gama não recebeu ainda nem promessas para o término das obras de saneamento básico. A falta também de uma rede de captação de águas pluviais fez com que as ruas do Setor Sul da cidade se transformassem hoje em imensas valas de escoadouro de águas, o que é visto pelos seus moradores como um dos seus mais graves problemas até hoje sem solução.

De acordo com pesquisas feitas pela UnB e Projeto Rondon (1972), a última de que se tem notícia, 85% da população do Gama recebe de um a três salários mínimos e apenas 30% dessa população trabalha no local em que vive.

SOCIAL

Segundo estudos do Centro de Desenvolvimento Social do Gama (órgão da FSS), 61,26% daquela população mora em barracos de madeira, sendo que a grande maioria dos barracos são habitados por mais de uma família.

Admite aquela administração regional no entanto, que está havendo uma maior distribuição de renda nas faixas intermediárias da população com a abertura de mais escolas e a melhoria da oferta de empregos "in loco".

— Pode botar aí. Nós somos gente sofrida, dormimos em média quatro horas por dia, pois sistema de transporte urbano pior que esse de Brasília não existe em lugar nenhum do mundo, desabafou ontem o senhor Joaquim Melo, 47 anos, morador da Quadra 10 do Setor Oeste do Gama. "Onibus aqui, eu acordo às 4 horas da manhã para poder tomar um quebra-jejum e apanhar a condução em tempo".

GUARÁ

A terceira cidade mais populosa do Distrito Federal, o Guará, conta hoje com 155 mil e 436 habitantes. O início de sua construção deu-se em 1966 para absorver, principalmente, funcionários públicos que naquela época já estavam sendo pressionados para "caírem fora" do Plano Piloto. Ao contrário de outras cidades-satélites que receberam um grande contingente de favelados, o Guará, como Sobradinho, por abrigar famílias de média e pequena renda "fixa", apresenta, no momento, o maior índice de renda per capita das cidades-satélites de Brasília.

De certa forma planejada como as demais cidades-satélites, acreditam os técnicos do GDF que pelo fato de o Guará ter abrigado uma população de melhor poder econômico, "capaz de pressionar o governo local", foi beneficiada no seu início com a implantação quase total de infra-estrutura, sendo, também como Sobradinho, as duas únicas satélites a apresentarem rede de esgoto e um sistema de captação de águas pluviais, além de urbanizadas e asfaltadas as suas principais ruas.

PROBLEMAS

Mesmo assim, os problemas no Guará existem, pois a cidade que deveria alojar, a princípio, oito mil famílias, tem no momento tamanho contingente populacional.

Pela proximidade com o Plano Piloto e por não contar com um forte comércio, nenhuma indústria e insignificante porcentagem de absorção de



O Núcleo Bandeirante, a antiga Cidade Livre, ainda guarda os traços do tempo dos pioneiros

mão-de-obra no local, o Guarã não conta com nenhuma entidade de classe capaz de se tornar porta-voz de sua comunidade, o que é sentido por seus moradores.

A maior reclamação hoje dos moradores daquele setor é em relação às poucas opções de lazer, deficiência de play-grounds ou áreas nas interquadras reservadas para o recreio das crianças. Lamentam os residentes no Guarã que os pequenos espaços vazios que antes existiam nos fundos de suas quadras estão sendo totalmente ocupados com construções de prédios, "sem nenhum critério de planejamento ou embelezamento", observou uma moradora.

A respeito dessa especulação, denunciam os moradores do Guarã I e II, que essa já chegou até a pressionar aquela administração regional que, "defendendo interesses alheios ao da comunidade, fez surgir uma lei que proíbe a construção nos fundos dos lotes (onde tem que se deixar dois metros nos fundos sem nenhuma edificação, um e meio na lateral e um na frente) alegando que se deve impedir na cidade a proliferação de casas de aluguel.

Essa lei, que segundo os moradores do Guarã, só existe naquela cidade-satélite, há muito vem prejudicando as famílias numerosas que são obrigadas agora a se virarem em um lote de 20x30 (os maiores deles) sem poderem aumentar ou fazer novos quartos com medidas justas.

CEILÂNDIA

A quarta cidade satélite mais populosa do Distrito Federal é, por outro lado, a mais nova delas e uma das que apresenta os mais graves problemas de urbanização, segurança, saúde, lazer e serviços comunitários em geral.

Com uma população de baixíssima renda, a Ceilândia foi criada em 1971 para abrigar os moradores de favelas da periferia do Distrito Federal, num trabalho de remoção feito pela Secretaria de Serviços Sociais através dos seus Assistentes Sociais que até hoje estão à frente da direção daquela comunidade.

Contando no momento com 134.947 habitantes, a Ceilândia ainda permanece subordinada à Administração de Taguatinga, apesar de possuir a sua administração regional.

Conta apenas com um posto de Saúde, uma agência do Correio e uma agência bancária, na parte de serviços gerais. Apresenta ainda, de acordo com dados da FSS, o maior índice de marginalização do menor nas satélites de Brasília e o maior número de ocorrências policiais. No Distrito Federal.

A total inexistência de rede de esgoto naquela cidade recebeu promes-



O Gama está em segundo lugar quanto ao índice populacional mas ainda detém a fama de ser uma das mais pobres

sas do atual governo de ser um problema, a curto prazo sanado, como também a posterior urbanização das ruas ceilandenses, onde, no GDF, existem correntes contrárias a essa urbanização por alegarem que isso de muito valorizará os lotes e consequentemente expressará os atuais moradores.

O pequeno porte do comércio local e a total inexistência de firmas capazes de oferecer serviços, na opinião do presidente da Associação Comercial do lugar são os fatores que mais acarretam problemas aquela cidade "tipicamente dormitório", com a grande maioria de sua população com renda de dois salários mínimos, sendo obrigada a gastar parte do seu orçamento em transporte,

SOBRADINHO

Com data de fundação "não oficial" mas considerada por todos como sendo o dia 13 de maio de 1960, Sobradinho conta no momento com 65.534 habitantes que, ao contrário das demais satélites, se encontram devidamente instalados dentro das previsões dos planejadores daquela cidade, fato a que os técnicos atribuem a "vida tranquila" do lugar.

Como o Guarã, Sobradinho surgiu para abrigar funcionários públicos, o que fez a cidade ser entregue já com um sistema de infra-estrutura, principalmente rede de esgoto, adequado às necessidades dos seus moradores.

A grande massa de sua população trabalha no Plano Piloto e reclama do abandono em que se encontram as áreas verdes de suas quadras, todas elas se constituindo em verdadeiros matagais e depósitos de lixo.

Pela topografia do lugar, Sobradinho apresenta quadras bastante acidentadas que muito vem sofrendo

com os problemas da erosão, como é o caso da Quadra 2.

No setor econômico, a cidade conta com um bom comércio e algumas indústrias de pequeno porte e a sua população, pelos dados da Codeplan, apresenta a segunda renda per-capita das satélites de Brasília, vindo primeiramente o Guarã.

PLANALTINA

Estreitamente vinculada à história de interiorização da Capital Federal, já no dia 7 de setembro de 1922, no governo do presidente Epitácio Pessoa, foi assentada em Planaltina, então cidade goiana, a "Pedra Fundamental da futura Capital Federal dos Estados Unidos do Brasil".

Trinta e oito anos depois Brasília se tornou uma realidade e a cidade de Planaltina, fundada em 19 de agosto de 1859, ficou então incorporada à Região Administrativa do Distrito Federal.

Hoje com 56.520 habitantes, Planaltina conservou o seu setor tradicional, surgindo ao seu lado o que dizem ser uma cidade "tipicamente brasiliense" a Vila Buritis. Sem nenhuma rede de esgoto, com todos os lotes tomados por mais de um barraco de madeira abrigando três a cinco famílias, a Vila apresenta graves problemas sócio-econômicos, o que caracteriza quase todas as cidades-satélites de Brasília.

Também tida como uma "cidade dormitório", Planaltina possui um pequeno comércio e nenhuma atividade industrial. Conta, porém, com atrações turísticas como a Cachoeira do Pipiripau, Reserva de Águas Emendadas, um Museu Histórico e Artístico, Morro da Capelinha e a Lagoa Bonita.

BRAZLÂNDIA

Também cidade goiana, existindo como Distrito desde 1932, em 16 de

dezembro de 1970 as terras de Brazlândia foram incorporadas à Novacap, "resguardando os direitos dos proprietários particulares", como reza a documentação da Secretaria de Governo.

Hoje com 23.302 habitantes, Brazlândia não conta com nenhum sistema de saneamento básico, apesar de estar a apenas um quilômetro da cabeceira da Barragem do Paranoá, inaugurada para levar água a todo o Distrito Federal. O estado das fossas sépticas que servem o local só é comparado a Vila Buritis, setores de Ceilândia e Taguatinga.

A população, reclama da necessidade de se criar mercado de trabalho para absorver a mão-de-obra local, pois, segundo eles, os poucos salários que recebem as famílias de Brazlândia não lhes dão condições de percorrer diariamente uma distância de 60 quilômetros que separa aquela cidade-satélite do Plano-Piloto, com passagens de ônibus comum no valor de oito cruzeiros "quando temos a felicidade de conseguir um lugar nos ônibus que fazem o percurso no horário da manhã", acentuou um morador.

Na parte econômica, fora algumas fazendas goianas na periferia da região administrativa de Brazlândia, a cidade não conta com nenhum expressivo comércio ou indústrias.

NÚCLEO BANDEIRANTE

Criada em 1956 para abrigar o grande número de pessoas que aqui chegava a convite de se construir uma capital em tempo record, a Cidade Livre, assim chamada por estar isenta de impostos ou de qualquer tributo (naquela época), deveria ter desaparecido logo após a conclusão do Plano-Piloto de Brasília, ou seja, em abril de 1960.

Mas o movimento Pró-Fixação do Núcleo Bandeirante tomou corpo, apesar de vários atos repressores do poder local como a destruição do barraco sede do movimento, na Associação Comercial do Núcleo e a atenção de fogo em mais de 30 residências, amedrontando todos os moradores.

Já estava tudo pronto para irmos para a Asa Norte quando o então presidente Jânio Quadros renunciou e o povo botou pé firme na ideia de não deixar o Bandeirante por aquele pedaço de cerrado limpo que era a Asa Norte, disse Adelaide Constantino Guimarães, um dos primeiros moradores do Núcleo e pai da segunda criança nascida em Brasília. Segundo ele, "Jânio queria acabar com isso de qualquer jeito, mas conseguimos fazer desse antigo acampamento provi-



Sobradinho — a cidade serrana — reclama, principalmente, a urbanização, que é falha

sório a primeira cidade-satélite legalmente constituída em Brasília, o que demonstra a coragem e a vitória de nosso povo diante de força maior do poder».

MOVIMENTO

Com a renúncia de Jânio em agosto de 1961, o movimento iniciado em maio conseguiu a adesão de quase todos os moradores e foi liderado por Joaquim Cândido Garcia, que teve a sua casa invadida pelo Exército em 1964. Participou desse movimento também o líder espiritual da comunidade da Cidade Livre, padre Roque Valiati Baptista.

No dia 20 de dezembro de 1961, com a admissão do governo parlamentarista de João Goulart, foi assinada a lei n.º 4020, considerando cidade-satélite o Núcleo Bandeirante. Desse decreto constam também as assinaturas de Alfredo Nasser, Tancredo Neves e Walter Moreira Sales.

Hoje com 21.763 habitantes, o NB é a menos populosa cidade-satélite de Brasília por não ter condições físicas de abrigar um contingente populacional maior, dada a sua proximidade com o Plano-Piloto.

Apesar de cidade pioneira, não conta, até o momento, com nenhuma rede de esgoto, embora o governo passado tenha deixado verbas e algumas obras nesse sentido para serem complementadas pelo governador Lamaison.

Como Brazlândia, um outro grande problema do NB é a demora na regularização dos lotes comerciais e residenciais, demora essa denunciada pelos moradores como "uma jogada da Terracap, já que é muito mais negócio os moradores continuarem pagando as altas taxas cobradas anualmente por essa imobiliária do

governo que ter os seus lotes quitados", disse Adelaide Constantino.

O Núcleo Bandeirante, juntamente com Taguatinga, apresenta um dos mais fortes comércios do Distrito Federal, em estreita concorrência com o Plano Piloto. A expressiva renda gerada por esse setor econômico, de acordo com estudos da Codeplan, é concentrada entre poucos, o que faz da grande maioria da população assalariados de três salários mínimos, sem levar em conta os habitantes de invasão periféricas ao Núcleo, como é o caso da Vila Divinêia, onde quase todas as famílias vivem de biscate e rendas esparsas.

CRUZEIRO

Considerado um setor residencial do Plano-Piloto, portanto fora das cogitações de "cidade-satélite", o Cruzeiro, no entanto, ainda não foi visto por nenhum governo do Distrito Federal como uma parte central de Brasília, fato que vem merecendo várias reclamações dos seus moradores.

Criado com o Plano Piloto de Brasília, portando concluído em 1960, os Cruzeiros Novo e Velho possuem conjuntamente uma população em torno de 70 mil habitantes, dados apresentados pela Associação Comercial e Industrial do lugar já que o levantamento da Codeplan não separa aquele núcleo urbano do Plano Piloto.

A luta por uma representação a nível de miniprefeitura e Associações de Moradores ganhou esse ano uma força maior no Cruzeiro, com a adesão da grande massa dos moradores que alegam estar sozinha com seus problemas de urbanização, limpeza pública e transporte coletivo.

O comércio do setor, centralizado no Cruzeiro Velho, muito deixa a desejar para os habitantes do setor novo da cidade, que reclama da distância a que são obrigados a percorrer se querem adquirir alguma coisa.